



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**ADRIANA SARAIVA GONÇALVES**

***CLARA DOS ANJOS: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL***

**DOURADOS-MS  
2014**

**ADRIANA SARAIVA GONÇALVES**

***CLARA DOS ANJOS: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL***

Trabalho de conclusão ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Claudia Duarte Mendes.

**DOURADOS – MS  
2014**

**ADRIANA SARAIVA GONÇALVES**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

***CLARA DOS ANJOS: UMA LEITURA PÓS-COLONIAL***

**APROVADO EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ /2014**

---

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Claudia Duarte Mendes  
UEMS - Dourados

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Lucília Leight  
UEMS - Dourados

---

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Adma Cristhina Salles de Oliveira  
UEMS- Dourados

## **DEDICATÓRIA**

Com imensa alegria que ofereço esse instinto trabalho a minha amada família, que inúmeras vezes se despuseram em me incentivar, principalmente nas situações mais inusitadas; que optou por acreditar em mim; vendo em mim uma pessoa capacitada, disposta a aprender, dedicada. Sinto-me muito feliz por tamanha realização pessoal e profissional, em poder compartilhar com pessoas tão queridas e merecedoras dessa homenagem.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me ajudar a vencer os obstáculos encontrados ao longo da caminhada.

A minha família por me acolher humildemente e me dar força.

A minha querida e amada orientadora, tenho muito a agradecer a ela pela disposição que sempre teve comigo, apoiando-me e me compreendendo.

Aos meus amigos que acreditaram em mim me apoiando nas horas difíceis.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul que contribuiu para minha formação profissional e pelo excelentíssimo trabalho transmitido no decorrer de minha jornada acadêmica.

SARAIVA, Adriana. *Clara dos Anjos: uma leitura pós-colonial*. Dourados-MS, 2014. TCC (trabalho de conclusão do curso de Letras Port./Inglês) Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

## RESUMO

No presente trabalho analisamos a obra *Clara dos Anjos* (2011), de Lima Barreto, apresentando o contexto do período em que Lima Barreto viveu e escreveu, a transição da monarquia para república. Nosso objetivo foi destacar a visão do autor acerca de seu tempo, objetivando dar ao leitor uma perspectiva crítica da realidade, em uma perspectiva pós-colonial. Destacamos também como a sua obra se insere na conceituação de literatura afro-brasileira. Apresentamos uma breve leitura do que os críticos atuais apontam como importante para a compreensão da obra, em seguida, analisamos a questão do racismo presente no texto literário, a partir da leitura pós-colonial.

**Palavras-chave:** Lima Barreto, *Clara dos Anjos*, racismo, pós-colonial

**ABSTRACT**

In this paper we analyze the work of Lima Barreto, Clara dos Anjos (2011), presenting the context of the period in which Lima Barreto lived and wrote, the transition from monarchy to republic. Our goal was to highlight the author's view about his time, aiming to give the reader a critical perspective of reality, in a postcolonial perspective. We also point out how his work fits into the concept of African-Brazilian literature. We present a brief reading of what the current critics point as important for the understanding of the work, then we analyze the matter of racism in this literary text, from the Post-Colonial reading.

**Keywords:** Lima Barreto, Clara dos Anjos, racism, Post-Colonial

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Breve contexto histórico.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Lima Barreto e seu tempo: a questão do negro.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Clara dos Anjos e a crítica.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Clara dos Anjos e a questão racial.....</b>	<b>22</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>26</b>



## INTRODUÇÃO

Neste trabalho nosso objeto de pesquisa é a obra de Lima Barreto *Clara dos Anjos*, ambientada no Brasil da virada do século XIX para o século XX. O país vivia um período de transição, tanto política, econômica quanto artística. O movimento literário que irá representar esse momento é o que ficou conhecido como pré-modernismo.

É importante ressaltar a contribuição de Lima Barreto neste contexto. Foi incansável crítico no que diz respeito ao processo de modernização do Brasil, ocorrido na virada do século XIX. Um inovador da literatura brasileira, com sua forma de escrever, uma vez que toda sua obra volta-se para uma crítica à sociedade em geral, trazendo à tona o cotidiano do preconceito e marginalização social e racial.

A dura vida que levava como funcionário público, o preconceito racial de que era vítima, o desgosto familiar e a depressão que sofria fizeram de Lima Barreto um grande crítico social em suas obras. Denunciou a corrupção da nossa elite, o preconceito racial e social. Por outro lado, valorizava apaixonadamente o povo sofrido dos subúrbios que não possuíam perspectiva de uma vida melhor.

Em se tratando da obra de Lima Barreto, *Clara dos Anjos*, o autor expressa exatamente a perspectiva social em que viveu, por meio das personagens construídas no romance, que têm seus destinos ligados ao da sociedade de que fazem parte. Este romance relata a história de uma jovem mulata, pobre, filha de um carteiro de subúrbio, que, apesar das cautelas excessivas da família, é iludida, seduzida e, como tantas outras, desprezada, enfim, por um rapaz branco de condição social menos humilde do que a sua.

Segundo Barbosa e Souza (2008), o romance *Clara dos Anjos* discorre sobre todos os problemas que afligem a população negra, tentando a todo custo conscientizar, humanizar as ações da sociedade em prol de uma vivência igualitária. Na obra, Lima Barreto discute bastante o fato de o negro sempre ocupar espaços secundários, de inferioridade, sua escrita se concentra no sonho de moralização da República, onde todos possam ser tratados dignamente, e não ser julgado pela cor de sua pele.

Neste trabalho, nosso objetivo no primeiro capítulo é estudar o contexto histórico em que o escritor viveu, por meio de uma breve revisão de literatura, e

destacar a luta de Lima Barreto contra o preconceito racial e a discriminação social, presentes na sociedade no século XIX e início do século XX.

No segundo capítulo, faremos um breve cotejar dos textos críticos sobre a obra *Clara dos Anjos*, buscando contextualizar nossa leitura em relação ao que outros autores escreveram sobre a obra. No segundo momento, analisaremos a questão do preconceito e discriminação racial, que os personagens sofrem, sem perder de vista que a obra está inserida em um contexto histórico social, que nos permite observar a época de publicação da obra e refletir sobre o nosso tempo.

## CAPÍTULO I

### 1.1. Breve contexto histórico

No Brasil, no término do séc. XIX, iniciou-se a República, que representou os tempos modernos, tirando o país do regime escravocrata monárquico. A república se construiu a partir da tomada do poder pelo partido republicano apoiado pelos militares. O partido mandatário abrigava em seu meio correntes ideológicas que pregavam o liberalismo e se organizavam de acordo com os ideais do positivismo. Nos primeiros momentos da nova república, temos o seguinte cenário, de acordo com Teixeira & Dantas (s/d):

A momentânea unidade, que parecia existir entre “republicanos históricos”, “militares positivistas” e “dissidentes monárquicos” por ocasião da “revolução de 1889”, desfez-se rapidamente em razão de divergências políticas ideológicas acentuadas e mesmo da luta direta pelo poder. Enquanto os “republicanos históricos” na maioria civis, proprietários de café e bacharéis, batiam-se pelo “federalismo”, conseguindo impô-lo na elaboração da Constituição Federal, os “positivistas”, militares em grande número, almejavam a organização de um regime republicano “ditatorial” e reformista. (s/d, p. 124)

De acordo com os pesquisadores, nessa época, a maior parte da população era excluída das decisões e do poder. Nesse contexto, o discurso liberal era todo voltado para as necessidades da elite brasileira. Esta disputa pelo poder foi bem resumida por Teixeira & Dantas (s/d):

Na verdade, a aplicação do liberalismo formal da constituição de 1891 através de um sistema político jurídico adequado à realidade do país era inviável. Ao final do século XIX o Brasil era ainda um imenso território quase vazio, com uma população dispersa, inculta e marginalizada das atividades sociais e políticas mais significativas. Sobre o aspecto econômico, o país constituía um aglomerado de regiões produtivas, geralmente agrícolas e exportadoras e, portanto, dependentes essencialmente do mercado internacional para determinação de sua respectiva importância no âmbito geral da economia brasileira. (p.122)

Essa estrutura econômica dependente da política internacional, com um modelo de organização em que a elite dos Estados mais ricos era a maior beneficiada, deixando os rincões do país abandonados à própria sorte, vigorou por longos períodos, conforme afirmam os pesquisadores:

Dessa forma, apesar de todo o “Liberalismo” da Constituição Federal, a República Velha veio a constituir um modelo que o Estado *oligárquico*, onde o poder esteve quase sempre vinculado firmemente aos interesses dos grupos dominantes dos Estados mais ricos, ou seja, as “oligarquias” cafeeiras de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. (TEIXEIRA & DANTAS, s/d, p. 123)

Seguindo esse modelo econômico de concentração de renda, a abolição da escravidão não modificou em nada a condição de vida dos afrodescendentes em nosso país, não houve distribuição de renda, muito menos valorização da mão de obra produtiva negra. Segundo Teixeira & Dantas (s/d) durante toda a metade do século XX não se verificará nenhuma mudança nas condições dessa população.

Diante deste cenário, podemos considerar que para as classes menos favorecidas não havia educação formal, muito menos valorização do trabalho. E a condição de vida dos negros no país era de total abandono. Em seu livro, Gizêlda Melo do Nascimento, quando trata da questão dos recém libertos, afirma:

Em debandada das lavouras e das senzalas, e atraídos pelos refletores da cidade que se transformava, que anunciava novos tempos e que poderia abrigá-los como mão-de-obra na construção do novo cenário urbano, os recém-libertos deparavam-se com a barreira da discriminação inscrita na cor da sua pele. Novos tempos, velhos tempos. (2006, p. 35)

A professora analisava a questão dos libertos que foram atraídos para as cidades da região cafeeira, em processo de modernização, pois o trabalho no campo era a continuidade da escravidão, mas encontraram no novo lugar a mesma condição: “Nem escravos, nem cidadãos, um corpo sempre a meio caminho de.” (NASCIMENTO, 2006, p. 35) Nesta pequena frase a constatação da condição dos afrodescendentes, que não encontravam a valorização de sua mão de obra, nem nas plantações, muito menos nas cidades em construção, uma vez que em sua cor da pele estava estigmatizada a imagem de escravo.

Não devemos esquecer do que Teixeira & Dantas (s/d), afirmam sobre “corrente migratória europeia para São Paulo” (p. 53) de mão de obra trabalhadora, que ocupará as vagas de trabalho melhores remuneradas, aprofundando a marginalização do afrodescendente.

No outro extremo do país, especificamente na região açucareira, segundo Teixeira & Dantas (s/d, p. 52), “...as terras de utilização agrícola mais fácil já estavam ocupadas praticamente em sua totalidade, à época da abolição. Os escravos liberados que abandonaram os engenhos encontraram grandes dificuldades para sobreviver.” Não havia mais trabalho no campo, o que os forçava a debandar para as cidades. De acordo

com os pesquisadores, as cidades destas regiões encontravam-se saturadas de mão de obra, não restando muitas opções, senão a sujeição aos baixos salários. Nesse contexto, é que conheceremos o autor da obra que analisaremos.

## **1.2. Lima Barreto e seu tempo: a questão do negro**

Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no dia 13 de maio de 1881. Seus pais, Amália Augusta Barreto e João Henriques de Lima Barreto, moravam em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, até então capital do país. (COELHO, 2011, p. 291) Seu pai trabalhava como tipógrafo na Imprensa Nacional e sua mãe era professora de primeiras letras. Dona Amália contraiu tuberculose e morreu muito nova, deixando quatro filhos sob a responsabilidade do marido. Ainda de acordo com Coelho (2011, p. 291)

Foi aluno interno do Liceu Popular Niteroiense (1891). Depois de ser aprovado no exame de seleção, matricula-se em Engenharia Civil na Escola Politécnica (1897), mantendo-se nela até 1903, sem completar o curso. Com a aposentaria do seu pai, Lima Barreto muda-se para Todos os Santos, subúrbio do Rio de Janeiro.

A família de Lima Barreto nunca levou uma vida fácil. Gente humilde, descendente de escravos, sofria preconceitos da sociedade, pois no Brasil ser negro e mulato representava, e ainda representa, estar à margem dos direitos de cidadania.

A condição de marginalização dos afrodescendentes reflete-se na educação formal dessa população, que é deficiente no Brasil, no sentido de atender à maioria da população. Em outro sentido, ocorre a desvalorização do povo que ajudou a construir o Brasil. E sem a consciência dos valores culturais e conhecimentos africanos, a construção da identidade do povo brasileiro fica comprometida. De acordo com Ferreira (2009):

O processo de negação da importância dos elementos da cosmovisão africana determina aos afrodescendentes uma desvalorização pessoal e desenvolve a “perspectiva do direito de dominar para os grupos humanos que se consideram mais adiantados que outros” (D’ADESKY, 1996, p. 91) e, em decorrência, mecanismos de exclusão da população afrodescendente por parte do grupo considerado hegemônico. Como nos aponta Souza (1991), a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho. O afrodescendente enfrenta, no presente, a constante discriminação racial, de forma aberta ou

encoberta e, mesmo sob tais circunstâncias, tem a tarefa de construir um futuro promissor. (p. 41)

Essas constatações ficam óbvias devido ao modo negativo e subjugado de se ver o negro, pois se encontram presentes tanto na produção científica como no senso comum de práticas de indivíduos ou de grupos, organizados politicamente ou não.

A discriminação racial, e o estigma de ter sido escravo, de que nos fala Ferreira (2009) nosso escritor portou em sua pele, Lima Barreto não escapou do processo discriminatório da sociedade brasileira. Nesse contexto, podemos destacar a importância do escritor que em seus textos literários denunciou o contexto político, econômico, social e cultural de sua época por meio da Literatura. O referido autor compreendeu a grandeza e o poder da leitura, usando desta ferramenta para chegar ao seu objetivo, que é a crítica e a denúncia (LOPES & SILVA, 2014).

As obras de Lima Barreto apresentam questionamentos sobre a formulação, por parte dos intelectuais de sua época, de uma identidade nacional. Esta referida construção ideológica, referenda a exclusão social empreendida pelo regime republicano, uma vez que promove o “branqueamento” da cultura nacional. A crítica ácida a essa postura da elite brasileira, será característica de sua escrita, permeada por imagens referentes à modernidade brasileira, suas ideias políticas e visões sobre o cotidiano das camadas populares.

Lima descreveu no seu texto literário uma visão articulada de tempo, visão que objetiva dar ao leitor uma condição de entendimento crítico da realidade, nesse sentido o entendimento não se encerra em somente compreender, mas também em atuar a partir dessa compreensão. Logo, considera-se importante sistematizar a real função da Literatura: libertar o ser humano das arestas impostas pela sociedade, recorrendo também ao tempo histórico para entender esse processo de libertação (BARBOSA & SOUZA, 2008). Para Lopes e Silva (2014) a temática da obra de Lima Barreto:

Sua obra focaliza o mundo dos trabalhadores suburbanos do Rio de Janeiro – em geral pobres e descendentes de africanos, como o escritor. O desejo de retratar o que está à margem da sociedade e aqueles que lá estão impulsiona a escrita do romancista. Esse movimento de voltar-se para a periferia e de dar voz aos que nela se encontram pode ser percebido praticamente em toda a sua ficção. (2014, p.1)

O texto do autor passa então a ser a voz dissonante em meio ao que se produzia na época, em que as narrativas estavam voltadas para o centro da cidade, os salões e a vida da elite brasileira.

A produção literária também pode ser vista como documento histórico, daí então se depara com a discussão da Literatura como fonte histórica, visto que esse material ao transitar entre ficção e realidade possibilita uma releitura dos aspectos e das semelhanças da realidade vivida numa temporalidade passada. (BARBOSA & SOUZA, 2008, p. 02).

Como uma voz solitária que narra a partir de seu cotidiano, podemos pensar Lima Barreto como um escritor afro-brasileiro. Tal designação afro tem sua validade nos estudos de Duarte (2014) quando este conceitua o que considera necessário para que um autor possa ser reconhecido como afro-brasileiro: temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público leitor.

Ao pensarmos estes elementos, destacamos a questão, neste momento, do ponto de vista, ao considerarmos que Lima fala a partir de seu cotidiano, das suas experiências enquanto homem, mulato e descendente das margens:

Mais do que precursor do romance social brasileiro, Lima Barreto é também um grande nome da literatura Afro-Brasileira. Considerado por Octávio Ianni como um dos fundadores dessa expressão literária, o romancista nos legou uma obra que merece ser repensada, relida, sob um novo olhar capaz de desvendar a sua relação com a literatura das margens (LOPES E SILVA, 2014, p. 1).

Nesse sentido, não apenas o ponto de vista de Lima Barreto, mas ao pensarmos que o autor narra sobre seu universo envolvente, colocando-se no texto, falando a partir de suas experiências, ao retratar a vida dos marginalizados da sociedade, da periferia do Rio de Janeiro:

Ao falar de Afonso Henriques de Lima Barreto, não se pode esquecer a sua árdua vida, sua origem humilde, jornalista pobre, que sofreu muitos preconceitos. Toda sua experiência de vida motivou o seu socialismo, a crítica social era a sua grande paixão e uma prática constante em seus escritos, a sua biografia nos revela que essa prática não faz parte somente de sua ficção, mas também de sua realidade. (BARBOSA E SOUZA, 2008, p. 05).

A partir desta afirmativa dos autores, podemos considerar também a questão da autoria, pois nosso autor é de origem afrodescendente, e essa marca aparece em seus textos como forma de crítica à sociedade e denúncia da condição de marginalizados em que estes se encontravam em nosso país.

Outro elemento a ser considerado na obra de Lima Barreto, é a questão da linguagem, se pensarmos sobre o que o uso desta representou na época para o autor. Barbosa e Souza (2008) relatam que Lima Barreto chegou a ter fama de desleixado, pois a sua escrita não se revelava com nenhuma pretensão artística ou de estética, o importante para ele era que os seus escritos revelassem sem rodeios e artificialismos a sua sinceridade o que não poderia ser dissociado da sua realidade, que por sua vez implicava em críticas e denúncias. Dessa forma, ele soube fazer uso de uma linguagem expressiva, que na sua totalidade é autossuficiente para transmitir o que lhe era devido.

Consideramos este elemento importante porque o diferencia da linguagem erudita da época, e o aproxima dos modernos, sob certo ponto de vista, que introduziram a questão da linguagem cotidiana na literatura, mas o diferencial de Lima Barreto é que esta linguagem não é apenas do cotidiano, diferenciando-se da portuguesa, mas da periferia do Rio de Janeiro, demarcando o território de abrangência.

Isso nos faz refletir sobre outro dos pontos elencados por Duarte (2014) sobre a literatura afro-brasileira, a questão do público leitor. Ao retratar a população marginalizada, com uma linguagem que poderia ser facilmente compreendida por essas pessoas, Lima aproxima sua ficção do público que gostaria que lesse sua obra, não seria talvez essa a sua intenção? Ter um público diferenciado para sua obra?

O negro é narrado na visão do oprimido e se encaixa perfeitamente na abordagem de Lima Barreto uma vez que o mesmo, mulato de cor, dedicou boa parte de sua obra para contemplação deste tema, nesse sentido, completamos os elementos apontados por Duarte (2014) como necessários para estarmos diante da literatura afro-brasileira.

Mas não somente pela sua cor, mas também pelo seu compromisso social, Lima Barreto retratou tão bem essa temática, numa linguagem literária própria, rompendo discurso da cultural oficial, manifestando-se como um elemento de resistência à sua marginalização social.

Perante a problemática racial, vale afirmar que no fim do século, que antecede o período modernista, Lima Barreto se compromete em falar do negro numa literatura do negro, da sua dor, da sua posição inferior na sociedade, na busca e na procura do entendimento desta realidade, para emocionar, para instigar a indignação, para propor uma transgressão, uma transformação, uma conscientização para a mudança (BARBOSA E SOUZA, 2008, p. 23)

Se em sua época, o autor não conheceu o reconhecimento de sua escritura, hoje é considerado um dos grandes escritores brasileiros, que com sua coragem, ousadia, não



se intimidou diante da crítica elitista dos jornais do fim do século XIX e começo do XX, mas assumiu o risco em escrever sobre os pobres e oprimidos da sociedade.

Lima se auto intitulou o inconsciente coletivo da gente de cor, muitas vezes ignorado e criticado pela simplicidade de sua escrita, passou da simplicidade para autor célebre, hoje muito prestigiado entre todas as classes, principalmente pela ousadia dos seus escritos. (BARBOSA E SOUZA, 2008, p. 05).

Podemos compreender que a Literatura não era para Lima Barreto um instrumento das belas artes, como prenunciado em sua época, em que parnasianos e simbolistas escreviam, muito menos o autor se enamorou das teorias racistas em voga, principalmente por não esquecer suas raízes, e ter sofrido na pele suas consequências. Seu compromisso como escritor estava voltado para seu comprometimento social:

Em conflito com este estado de coisas, o escritor lança mão da literatura para explicitamente denunciar a impostura da democracia racial brasileira, valendo-se de uma “literatura militante”, inclusive no que se refere à luta pela expressão” (IANNI, 1988, p. 6), que se opõe a uma escritura esvaziada de sentido, mais preocupada com um vocabulário precioso, tal qual praticada pela grande maioria de seus contemporâneos de letras. (LIMA, 2014, p. 1)

Podemos então, considerar a obra de Lima Barreto como expressão de sua luta por uma sociedade mais justa e igualitária, sem discriminações e preconceitos, que eram as marcas de sua época. Diante do que estudamos sobre o autor, analisaremos a obra *Clara dos Anjos*, discutindo os elementos apontados neste capítulo, em que reencontraremos a distinção da obra no cenário da literatura afro-brasileira.

## Capítulo II

No capítulo anterior, nossa atenção foi voltada para contextualizar o período em que Lima Barreto viveu, a transição da monarquia para república, e principalmente, a questão da mudança econômica envolvendo os escravizados. Destacamos como o autor em sua obra tem uma visão articulada de seu tempo, objetivando dar ao leitor uma perspectiva crítica da realidade.

Destacamos também como a sua obra se insere na conceituação de literatura afro-brasileira. Este percurso de leitura seguiu as conceituações baseadas em Duarte (2014) quando este delimita as características que um texto precisa ter para ser reconhecido como afro-brasileiro.

Neste capítulo, abordaremos a obra *Clara dos Anjos* (2011), em um primeiro momento, apresentando uma breve leitura do que os críticos atuais apontam como importante para a compreensão da obra, em seguida, analisamos a questão do racismo presente no texto literário, a partir de uma perspectiva pós-colonial.

### 2.1. *Clara dos Anjos* e a crítica

A obra de Lima Barreto tem sido analisada a bastante tempo pela academia, e nossa intenção é apenas fazer um breve diálogo com alguns autores, com o intuito de destacar a importância da obra *Clara dos Anjos* (2011) nos estudos atuais da obra do autor. Como destaca Lima (2014) ao falar sobre a publicação da obra:

De acordo com suas anotações sobre a protagonista e a primeira versão incompleta da história, ambas existentes na segunda edição de seu *Diário íntimo* (1961), Lima Barreto começou a trabalhar em *Clara dos Anjos* por volta de 1904, à mesma época em que o escritor via-se às voltas com a redação de *Isaías Caminha* (1909) e com o desejo de escrever um painel da sociedade escravagista do século XIX. A retomada ocorreu em 1920, quando o esboço de romance foi transformado em conto, publicado em *Histórias e sonhos* (1920). A conclusão da escrita da história da mulata Clara ocorreu entre dezembro de 1921 a janeiro de 1922, no ano em que o romancista faleceu, sendo publicada postumamente pela Revista Sousa Cruz em forma de folhetins, entre janeiro de 1923 e maio de 1924, só obtendo a impressão em livro em 1948 pela Editora Mérito. (2014, p.3)

A personagem Clara nos é apresentada em detalhes no romance a partir da página cinquenta e seis, antes disso, o autor traça um detalhado perfil de Cassi Jones,

seu sedutor, narrando primeiro sobre o espaço físico no qual o personagem atua, o subúrbio carioca, este espaço ficcional é descrito da seguinte forma: “Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (BARRETO, 2011, p.91)

Ao descrever o cenário, Lima Barreto introduz seu personagem, ao apresentar Cassi Jones movendo-se entre estas construções em ruínas, narra sobre as más atitudes do jovem no seio familiar e, principalmente, suas aventuras amorosas. O narrador não tem simpatias pelo jovem, como podemos ver no seguinte fragmento:

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido consumado “modinhos”, além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuoso do violão, nem outro qualquer traço de capadócio. Vestia-se seriamente, segundo as modas da rua do Ouvidor; mas, pelo apuro forçado e o *degagé* suburbanos, as suas roupas chamavam a atenção dos outros, que teimavam em descobrir aquele aperfeiçoadíssimo “Brandão”, das margens da Central, que lhe talhava roupas. A única pelintragem, adequada ao seu mister, que apresentava, consistia em trazer o cabelo ensopado de óleo e repartido no alto da cabeça, dividido muito exatamente ao meio – a famosa “pastinha”. Não usava topete, nem bigode. O calçado era conforme a moda, mas com os aperfeiçoamentos exigidos por um elegante dos subúrbios, que encanta e seduz damas com seu irresistível violão. (BARRETO, 2011, p.33)

Nesta narrativa, em que Cassi é apresentado ao leitor, Lima Barreto aproveita para fazer críticas à sociedade da época e aos seus costumes, valores e hipocrisias que giravam em torno do modelo patriarcal. No romance, o destaque para a questão dos preconceitos raciais não giram apenas em torno do trágico destino das mulheres que se envolveram com Cassi Jones, o narrador apresenta, em vários momentos, como as questões de discriminação social estava presente na consciência de todas as personagens.

Esta divisão da sociedade brasileira em classes sociais hierarquizadas e estáticas em sua conformação, conforme destacamos no primeiro capítulo, quando estudamos a questão da economia e o fato da elite brasileira ser detentora de todos os bens sociais, e a esmagadora maioria da população viver à margem do processo social, foi destacada nos estudos de Lopes e Silva (2014, p. 2) que afirmam:

Nesse romance, ao mesmo tempo em que aponta a discriminação pela cor da pele, Lima Barreto enfatiza a ausência de mobilidade social na

república recém-instalada. Ao retratar os gestos repressivos lançados pela elite sobre quem quer que desejasse ultrapassar as barreiras sociais minuciosamente construídas, Clara dos Anjos denuncia o lugar estático no qual deveriam para sempre permanecer negros e pobres. Nesse sentido, a protagonista, menina mestiça e pobre, surge triplamente condenada: pela cor da pele, pela posição social e por almejar a ascensão.

Os autores também destacam no romance o momento em que esta não mobilidade social está presente na consciência de uma das personagens, destacando o padrinho de Clara, Marramaque, o mesmo que convidou Cassi Jones para tocar na festa de aniversário da afilhada, e durante a festa percebeu o interesse do rapaz na jovem, e de Clara em Cassi. Na passagem do romance em que isto é narrado, o autor aproveita para denunciar a visão que se tinha das mulheres afro-brasileiras em relação aos homens brancos:

Na sua vida, tão agitada e tão variada, ele [Marramaque] sempre observou a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. A priori, estão condenadas; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social. (BARRETO, 2011, 55)

Por este fragmento concordamos com Lopes e Silva (2014, p.2) quando afirmam que “a repulsa ao preconceito social e étnico pode ser facilmente percebida em *Clara dos Anjos*, mas está também presente em vários outros textos do autor.” Os mesmos autores apontam na obra, os valores que discutimos no capítulo anterior, referentes ao processo de libertação dos escravizados, que mesmo com a liberdade, eram percebidos pela sociedade brasileira a partir da perspectiva da escravidão:

Noutra passagem do mesmo livro, o narrador barretiano vai às raízes patriarcais escravocratas responsáveis pela constituição de todo um imaginário calcado na discriminação. Embora ressaltando a contribuição da mão de obra cativa para o desenvolvimento da economia, não deixa de se conder e de apontar a desumanidade e os sofrimentos a ela impostos pelo regime: “estávamos em plena escravatura, se bem que nos fins, mas a antiga Província do Rio de Janeiro era próspera e rica, com suas rumorosas fazendas de café, que a escravaria negra povoava e penava sob açoites e no suplício do tronco”. (LIMA BARRETO: 1990, 38) O texto evidencia a crueldade do sistema, fundado, primeiramente, no trabalho forçado; e, após a abolição, no rebaixamento social pela via do preconceito.

A caracterização da personagem Clara aponta para esta questão do rebaixamento social, quando narra o momento em que depois de seduzida, a jovem engravida e, conta seu infortúnio à mãe com a ajuda de Dona Margarida, elas saem em busca da família de Cassi, a fim de solucionar o problema, a partir da perspectiva do casamento, e esta

ilusão se desfaz com a postura da mãe do rapaz, que a ofende, e a chama de negra. Nesse momento da narrativa, o autor discute a questão da educação da jovem, afirmando que:

A educação que recebera de mimos e de vigilância era errônea. Ela devia ter aprendido de boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por seus inimigos, mas isto ao vivo, como exemplos claramente. O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres [...]. Não haveria um talvez entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça. Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro. (BARRETO, 2011, p.163).

O autor não disfarça a sua solidariedade com o desfecho do destino de Clara, posicionando-se a favor das moças que são desprezadas pela sociedade, nesse sentido, retomamos o que discutimos no capítulo anterior, quando caracterizamos a obra de Lima Barreto como afro-brasileira, o ponto de vista do autor, a autoria e o tema de *Clara dos Anjos* são nitidamente relacionados aos afrodescendentes e seu destino em nosso país.

A exemplo disto, a realidade descrita no romance “Clara dos Anjos” é induzida para caracterizar o conflito entre a estética e a revolução. Para Lima Barreto, o mais importante naquele momento era a busca da transformação da realidade do negro na sociedade a corresponder a apenas uma estética da exigência de um modelo padronizado. Talvez isso explique porque só mais tarde Lima Barreto recebeu o seu merecido reconhecimento como escritor. (BARBOSA e SOUZA, 2008, p. 23).

Conforme consideramos anteriormente, talvez a linguagem destinava-se ao público leitor com o qual Lima Barreto mais se identificava. A periferia presente no texto não apenas enquanto cenário do romance, mas enquanto destino do próprio texto.

## **2.2 Clara dos Anjos e a questão racial**

Para analisar o romance *Clara dos Anjos* (2011), sob uma perspectiva da discriminação racial expressa no tecido textual, destacamos algumas passagens do romance, para verificar a forma como o autor descreve as personagens e pontos de vista e, consideramos estes fragmentos a partir da ótica do livro *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon (2008). Quando o autor discute o negro e a linguagem, em um contexto colonial, afirma que:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade. (p. 33)

Nesse fragmento, Fanon (2008) aponta como a construção ideológica da supremacia branca, no processo colonial, foi determinante para as futuras relações entre o homem branco e o de cor. O discurso sobre o processo colonial, aponta para a relação estabelecida no complexo processo de desvalorização cultural, em que todos os bens culturais de um povo são inferiorizados diante do colonizador:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p. 34)

Estas afirmações nos auxiliam a compreender o romance entre Clara e Cassi. Ela era jovem, bem criada, superprotegida pelos pais, tinha uma vida pacata, cercada de cuidados, como podemos ver no fragmento abaixo:

Eram casados há quase vinte anos, e esta Clara, sua filha, sendo segundo filho do casal, orçava pelos seus dezessete anos. Era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e a não ser com a mãe ou o pai, só saía com dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras. (BARRETO, 2011, p. 27)

Clara vivia uma vida pacata e rotineira, que foi quebrada com a comemoração de seu aniversário, no qual foi permitida a entrada de Cassi, um jovem branco, que era músico. Ao longo da narrativa acompanhamos Lima Barreto construir uma imagem do personagem masculino como um devasso, deflorador de donzelas, que volta e meia estava envolvido por escândalos mal abafados por sua família.

Dessa forma, perguntamo-nos como Clara pôde encantar-se com um sujeito que viu apenas uma vez e, a partir deste momento desconsiderar todas as recomendações de pessoas que a conheceram desde menina. Consideramos, em um primeiro momento, que o modelo de sociedade patriarcal tenha contribuído para esta sedução, uma vez que a jovem foi preparada para o casamento, pois o narrador dá ênfase à personalidade frágil da moça, jovem ingênua e sonhadora de apenas 17 anos “[...] capaz de render-se às

lábias de um qualquer perverso, mais ou menos ousado, farsante e ignorante [...]” (BARRETO, 2011, p. 70).

Com estas características podemos perceber que Clara atuava de acordo com as condições da época, em que uma mulher não tinha como ter ambição de ascender socialmente pelo esforço ou pelo trabalho. Ela era dependente dos pais, enquanto solteira, e seria do marido, depois de casada. “[...] Não que ela fosse vadia, ao contrário; mas tinha um tolo escrúpulo de ganhar dinheiro por suas próprias mãos. Parecia feio a uma moça ou a uma mulher [...]” (BARRETO, 2011, p. 113).

Estas considerações poderiam dar conta de explicar o encanto de Clara por Cassi, mas não consideramos isso suficiente a ponto de não atentar a todas as evidências do caráter duvidoso de seu pretendente. Ao analisar o processo de enamorar-se da personagem, destacamos o momento em que o jovem bateu em sua porta dias depois da festa, para uma visita, e foi atendido na porta, sem a cortesia de ser convidado a entrar, a menina sofreu e culpou os pais por manterem-na prisioneira:

Avaliou em algum ressaibo de revolta o procedimento dos pais. O que queriam fazer dela? Deixá-la ficar para “tia” ou fazê-la freira? E ela precisava casar-se? Era evidente; sua mãe e seu pai tinham pela força das coisas, que morrer antes dela; e, então, ela ficaria pelo mundo desamparada? Cochichavam que Cassi era isto e era aquilo. Dona Margarida e o padrinho eram os que mais mal falavam dele; que era um devasso, um malvado, um desencaminhador de donzelas e senhoras casadas. (LIMA BARRETO, 2011, p. 71)

Em seus questionamentos, há um momento no qual Clara, sem considerar as recomendações dos mais velhos, pondera sobre o possível envolvimento dela com o jovem fruto de sua fantasia, elencou quais os impedimentos poderiam separar os dois:

Uma dúvida lhe veio: ele era branco; e ela, mulata. Mas que tinha isso? Havia tantos casos... lembra-se de alguns... e ela estava tão convencida de haver uma paixão sincera no valdevinos que, ao fazer esse inquérito já recolhida, ofegava, suspirava, chorava; e os seus seios duros quase estouravam de virgindade e ansiedade de amar. (Idem, 2011, p. 71)

A questão racial aparece neste momento para a jovem, mas ela procura rechaçar qualquer dúvida quanto a concretização de seu desejo por Cassi. Analisando o comportamento de Clara considerando o que Fanon (2011) expõe sobre o sentimento de inferioridade do negro diante do branco, imaginamos que a sedução de Clara tem neste um componente importante. Uma vez que o envolvimento com o branco é uma forma não apenas de ascensão social para as moças, um ingrediente a mais para ampliar a

paixão inicial, Cassi torna-se irresistível por corresponder ao ideal branco das mocinhas casadouras.

Todas essas mulheres de cor, desgrenhadas, à caça do branco, esperam. E certamente um dia desses se surpreenderão não querendo mais se atormentar, mas pensarão “em uma noite maravilhosa, um amante maravilhoso, um branco”. Porém também elas talvez compreendam um dia “que os brancos não se casam com uma mulher negra” mas aceitam correr o risco, porque precisam da brancura a qualquer preço. Por quê? [...] (FANON, 2008, p. 58)

O autor ao longo do texto irá explorar o sentimento de inferioridade dos colonizados como parte da doença psíquica causada pelo processo colonial, que impôs o olhar a partir da raça como forma de opressão dos povos conquistados. Nesse sentido, a personagem Clara é mais uma colonizada que vê no homem branco uma forma de fugir de sua condição de inferioridade.

No contraponto, ao observarmos a descrição de Cassi, e considerarmos que Fanon (2008) aponta como doença o processo colonial que fez com que brancos se sentissem superiores aos outros, encontramos a personagem convencida de sua superioridade em relação às moças e mulheres que seduzia:

Colocando ao lado dessa teoria, bem sua, a consideração de que não empregava violência nem ato de força de qualquer natureza, ele, na sua singular moral de amoroso-modinheiro, não se sentia absolutamente criminoso, por ter até ali seduzido cerca de dez donzelas e muito maior número de senhoras casadas. Os suicídios, os assassinios, o povoamento de bordéis de todo gênero, que os seus torpes atos provocaram, no seu parecer, eram acontecimentos estranhos à sua ação, e se haviam de dar de qualquer forma. Disso, ele não tinha culpa. (LIMA BARRETO, 2011, p. 81)

Por este fragmento, podemos constatar que a personagem considerava suas ações como naturais. O destino das meninas mulatas ou negras, senhoras casadas dos subúrbios era de perderem-se na prostituição, uma vez que serviam apenas para satisfazerem seus apetites de homem branco, que só respeitava aqueles que considerava iguais.

Nesse sentido, podemos analisar também a não ação da mãe de Cassi, quando esta é procurada pelas jovens seduzidas, ou pelas mães destas. A reação de apoio ao filho vincula-se ao seu sentimento de superioridade, que a torna insensível aos apelos contra o procedimento do filho, livrando-o de possíveis represálias:

A mãe recebia-lhe a confissão, mas não acreditava; entretanto, como tinha suas presunções fidalgas, repugnava-lhe ver o filho casado com



uma criada preta, ou com uma pobre mulata costureira, ou com uma moça branca lavadeira e analfabeta.

Graças a esses preconceitos de fidalguias e alta estirpe, não trepidava em ir empenhar-se com o marido, a fim de livrar o filho da cadeia ou do casamento pela polícia. (LIMA BARRETO, 2011, p. 34)

A descrição da senhora como esnobe e fidalga, casa-se com o sentimento de superioridade observada na sociedade em que Lima Barreto vivia. A elite branca, ou mesmo, os brancos que não eram da elite, sentiam-se superiores aos mulatos e negros. A escravidão havia deixado no país marcas profundas. Superar o racismo, enquanto doença social ideologicamente construída, é uma tarefa que a nossa sociedade ainda não conseguiu empreender de forma efetiva, pois as práticas culturais e as ideologias racistas ainda sobrevivem na profundidade de nossa memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo breve da obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto deu-nos material para compreender como a temática que perpassa o texto está intimamente voltada para a denúncia da realidade opressora vivida pelos marginalizados naquele momento de nossa história, em que o Brasil se queria uma república, aos moldes da Europa e ou dos Estados Unidos.

Lima Barreto à seu modo contribuiu para pensarmos a sociedade a partir da leitura de suas obras extremamente realistas, em que a elite branca brasileira era mostrada em sua face perversa e discriminatória. A visão crítica de Lima Barreto sobre a sociedade de seu tempo é um fator que particulariza sua produção ficcional.

Na análise da obra, dialogamos com os conceitos da literatura afro-brasileira, apontando os elementos que tornam o autor um dos representantes destacados desta ficção. Ao compreendermos a visão de mundo projetada nas obras a partir de um ponto de vista privilegiado, o dos subúrbios cariocas, das feiras, das vielas que compõem o espaço de vivência dos marginalizados.

Nossa intenção não foi apenas descortinar o universo da discriminação social, mas verificar como o preconceito racial perpassa o texto e denuncia uma prática cultural que vigorou até bem pouco tempo, a prostituição das moças afrodescendentes. Mesmo as moças afrodescendentes casadas não eram respeitadas pela população branca. *Clara dos Anjos* possibilitou-nos percorrer as vielas do subúrbio e nelas encontrar Fanon (2008) para entender a lógica do processo colonial, que nos coloca diante da inferiorização de uma população, e como o processo colonial nos desumaniza ao nos vermos reduzidos sob a ótica da raça.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Elaine Ferreira; SOUZA, Elisângela Henrique. **A função social da literatura na obra de Lima Barreto: Clara dos Anjos**. Teixeira de Freitas, BA, 2008. Monografia (Licenciatura em Letras Vernáculas) Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. 4ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2011.

COELHO, Haydée Ribeiro. Lima Barreto. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. In: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>, acesso em setembro, 2014.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LIMA, Marcos Hidemi de. **Pobre, mulata e mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos**. In: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>, Acesso em: 14 abr. 2014.

LOPES, Elisângela, SILVA, Riverson da. **Lima Barreto e a Literatura Afro-Brasileira: o preconceito social e étnico nas malhas da ficção**. In: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>, acesso em 20 de julho, 2014.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. **Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos**. Londrina: EDUEL, 2006.

TEIXEIRA, Francisco M. P. & DANTAS, José. Estudos de história do Brasil: império e república. Vol. II. São Paulo: Editora Moderna Ltda., (s/d).